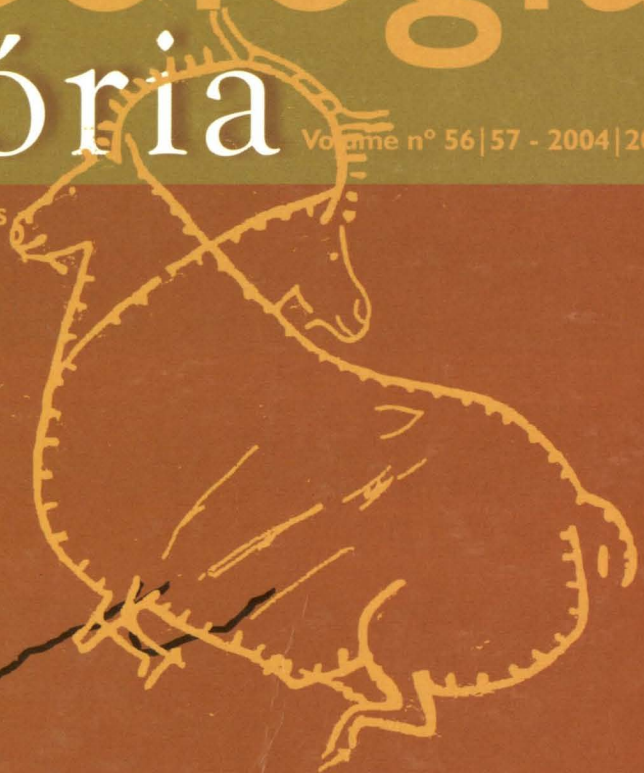


Arqueologia & História

Volume nº 56|57 - 2004|2005

Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses



Vale do Côa 10 ANOS



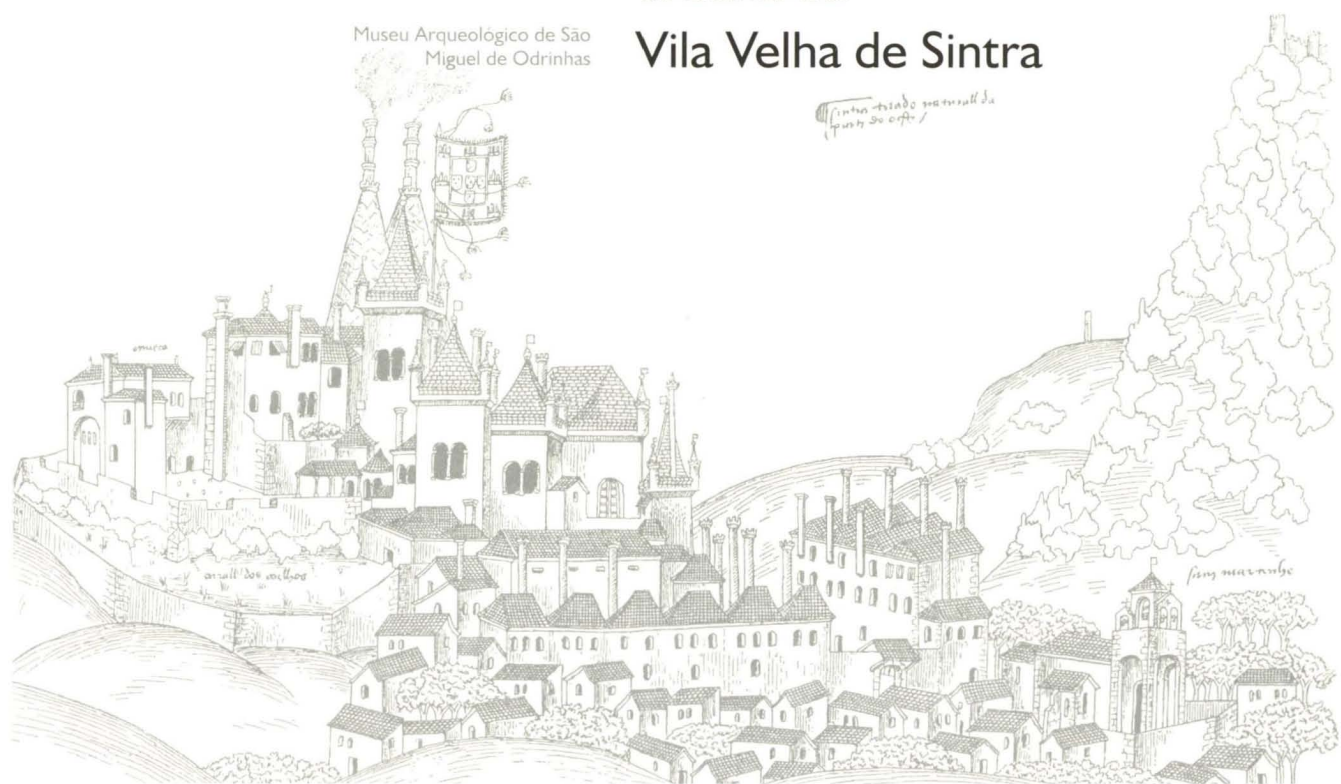
Intervenção Arqueológica no Hotel Netto:

contributos para o
estudo da evolução
urbana da

Vila Velha de Sintra

Catarina Coelho

Museu Arqueológico de São
Miguel de Odrinhas



O edifício do antigo Hotel Netto, construído no século XIX e actualmente em avançado estado de ruína, localiza-se em pleno Centro Histórico de Sintra. A intervenção arqueológica foi efectuada no âmbito de um projecto arquitectónico privado que prevê a recuperação e reestruturação do edifício e surge como condicionante imposta pelo Ministério da Cultura/Instituto Português do Património Arquitectónico.

A escavação arqueológica encontrou, desta forma, a sua justificação num conjunto de dúvidas relacionadas com o desconhecimento da evolução histórica do local prévia ao século XIX. Com efeito, neste sítio são visíveis antigos muros de suporte, bem como um contraforte, composto por blocos de pedra aparelhados, na charneira entre dois panos de um desses muros, que indiciavam a presença de construções antigas soterradas e, eventualmente, relacionadas com estruturas arquitectónicas pertencentes ao perímetro do Paço Real.

Implantação na malha urbana

Sensivelmente a meio da encosta setentrional da Serra de Sintra surge destacada uma área tendencialmente aplanada onde se encontra implantado o Palácio Real de Sintra. Topograficamente apresenta-se como um esporão circundado por dois vales encaixados, nos quais circulam duas linhas de água subsidiárias à Ribeira de Colares — o Rio do Porto a Nascente e outra a Oeste. Trata-se de uma plataforma que domina toda a planície saloia a Norte e se espria a Sul pelo centro urbano da vila, subitamente contido pela vertente norte do morro do denominado Castelo dos Mouros.

Os imóveis do antigo Hotel Netto foram construídos a Poente do Palácio da Vila, numa zona de vertente inclinada com altitude média de 200 m. A propriedade desta antiga unidade hoteleira encontra-se localizada na Rua Conselheiro Segurado, nºs 1 a 5, cujas traseiras confinam com a pequena rua que dá acesso às instalações do posto de Sintra da Guarda Nacional Republicana. Em tempo, esta estreita artéria fazia parte do conjunto de caminhos interiores existentes no seio da cerca murada do Paço Real. Saliente-se que o desnível entre a apelidada “Rua da GNR” e a Rua Conselheiro Segurado chega a atingir os 16 metros de diferença de cota.

Do ponto de vista geológico, o subsolo da propriedade do Hotel Netto assenta maioritariamente num substrato rochoso representado pela presença de «calcários margosos, margas e calcários com corais e oncólitos (calcários de Mem Martins)»¹. Nos limites desta mancha encontram-se, também, «calcários nodulares e compactos com algumas intercalações margosas (Calcários de Farta Pão)»². Tais características puderam ser observadas no decorrer da intervenção arqueológica, pela identificação de margas e argilas estéreis imediatamente sobre a rocha de base e, ainda, pela utilização como elementos de construção de pequenos blocos de calcário metamorfizado originários da fragmentação do próprio afloramento rochoso.

Previamente à intervenção arqueológica, o terreno apresentava-se completamente tapado pelo coberto vegetal que tomou conta do espaço após anos de abandono do local, tornando-se inclusivamente quase imperceptível a existência de vários patamares. Por outro lado, toda à área interior e exterior aos imóveis registava abundantes sinais de derrocada e desmantelamento das estruturas do hotel, ocasionados após o

seu efectivo abandono. Todos os espaços se encontravam repletos de lixos e entulhos claramente contemporâneos, originados pela ocupação marginal da propriedade antes desta ter sido totalmente selada.

História do sítio

A ocupação humana da propriedade do antigo Hotel Netto encontra-se intimamente ligada ao contexto histórico da denominada Vila Velha de Sintra. Por um lado, conhecem-se algumas fontes escritas e iconográficas que se referem à unidade hoteleira propriamente dita e aos seus proprietários. Por outro, a ausência de alusões directas a este espaço anteriores ao século XIX poderia indiciar a presença de uma zona sem construções no limite setentrional do centro urbano.

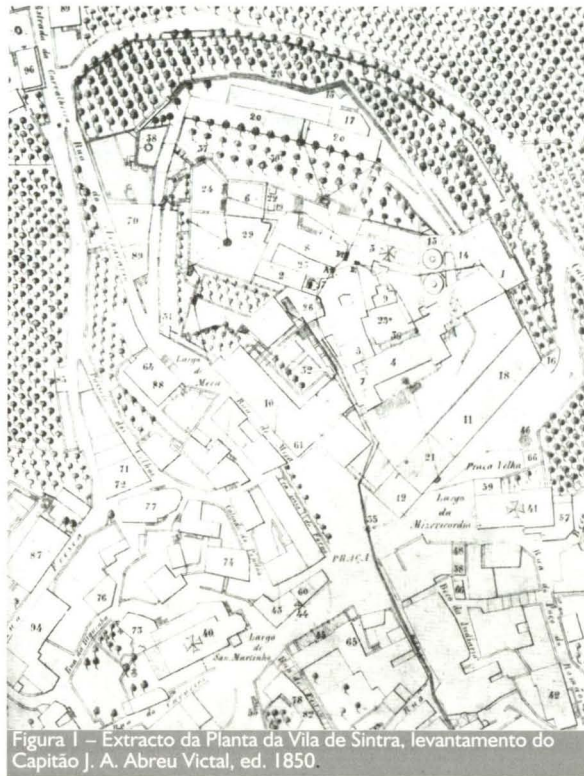
As primeiras informações que temos a respeito do Hotel Netto, enquanto tal, aparecem no “Relatório das águas do Almojarifado de Cintra”, elaborado por J. A. Abreu Victal, por volta de 1900, no qual aparece referido que “a casa onde está este hotel pertenceu a António Lopes Ferreira dos Anjos, que tinha a concessão de água desde 6 de Agosto de 1875” (Sabugosa, 1989-90, p. 249). Porém, no início do século XX sabe-se que 25 % dos sobejos da “Água da Serra” eram encaminhados para o Hotel Netto, então propriedade de José Maria Netto (Sabugosa, 1989-90, p. 247, 249).

Sabe-se, igualmente, que nos finais do século XIX, concretamente a 3 de Setembro de 1898, o hotel já se encontrava em actividade, uma vez que uma notícia publicada no jornal *Correio de Cintra* dá conta de que ali terá ocorrido um incêndio “(...) devido ao descuido de uma criada que engomava. Foi extinto pelo pessoal com auxílio dos bombeiros. Notou-se a falta de água em todas as bocas de incêndio...” (Azevedo, 1998, p.355). Mais tarde, em 1925, também numa publicação periódica sintrense (jornal *O Grilo*) se faz referência a dois proprietários do Hotel Netto — Romão Garcia Vinhas e José Lopes Alves — ambos de origem galega, tendo o segundo tomado posse do imóvel por falecimento do primeiro (Azevedo, 1988, p. 386).

Tais referências ilustram a duração da actividade desta unidade hoteleira, visto que não foi possível apurar ao certo a data em que o Hotel Netto começou a laborar. Ainda na década de 1970 aqui se hospedavam os visitantes que permaneciam em Sintra, destacando-se a presença do escritor Ferreira de Castro que dedicava ao Hotel Netto a sua preferência. É pois possível determinar que, pelo menos desde os finais do século

¹Carta Geológica de Portugal, Esc. 1:50.000, fl. 34A, ed. 1991.

²id., ib.



XIX até meados dos 70 do século XX, a área sujeita à intervenção arqueológica em análise não sofreu alterações funcionais de ocupação do espaço. O mesmo não se terá verificado nos anos subsequentes a 1975, altura em que terá ocorrido a construção de diversos anexos nas áreas exteriores do imóvel principal, cujos testemunhos foram oportunamente identificados no registo arqueológico.

Imediatamente anterior ao Hotel Netto, por volta de 1850, existiu um conjunto de imóveis que aparentemente ainda faziam parte do perímetro do Paço da Vila. Observando a planta desenhada pelo Capitão J. A. Abreu Victal, nessa data, destaca-se uma espécie de muro, cujo prolongamento aparece a traço interrompido, unindo a rua que dá acesso à GNR ao muro limítrofe do Paço, no Largo de Meca. Estes edifícios designados pelos números 38, 70 e 89 pertenciam respectivamente a um galinheiro (actuais instalações da

GNR) e às residências do Juiz de Direito e de Frederico Guilherme da Silva Pereira (cfr. Figura 1). A planta destas edificações pressupõe que o prédio do Hotel Netto deverá, numa primeira fase, ter respeitado *grosso modo* os limites das construções anteriores. No mesmo desenho estão assinaladas algumas canalizações que se dirigem para o interior da propriedade do hotel testemunhando, assim, o acima referido aproveitamento de água proveniente do paço.

Relativamente à ocupação desta área em épocas anteriores à edificação dos imóveis, eventualmente, subjacentes ao Hotel Netto, as fontes iconográficas apontam para a existência de uma zona de tapada, intra ou extramuros do Paço de Sintra, envolvendo a Norte o conjunto da construção áulica. Esta perspectiva poderá ser reforçada pela ideia defendida por Vieira da Silva, “a importância do pomar na definição de uma área rural adstrita ao paço ganha um relevo acrescido (...), pela quantidade e variedade das árvores de fruto nele plantadas (...). Está-se em presença ainda do horto medieval, utilitário mas também simbólico e organizando-se em odorífero jardim de recreio (...)” (2002, p. 218). Não pretendemos aqui defender que a zona específica onde foi realizada a intervenção arqueológica seria a área de pomares e hortas do Paço de Sintra, mas tão só poder contribuir para a justificação da ausência de edificações naquele espaço periférico do aglomerado urbano.

De facto, quer os desenhos de Duarte D’Armas, quer as gravuras, mais ou menos, idealistas que ilustram a Vila de Sintra a partir do século XVIII, apontam para

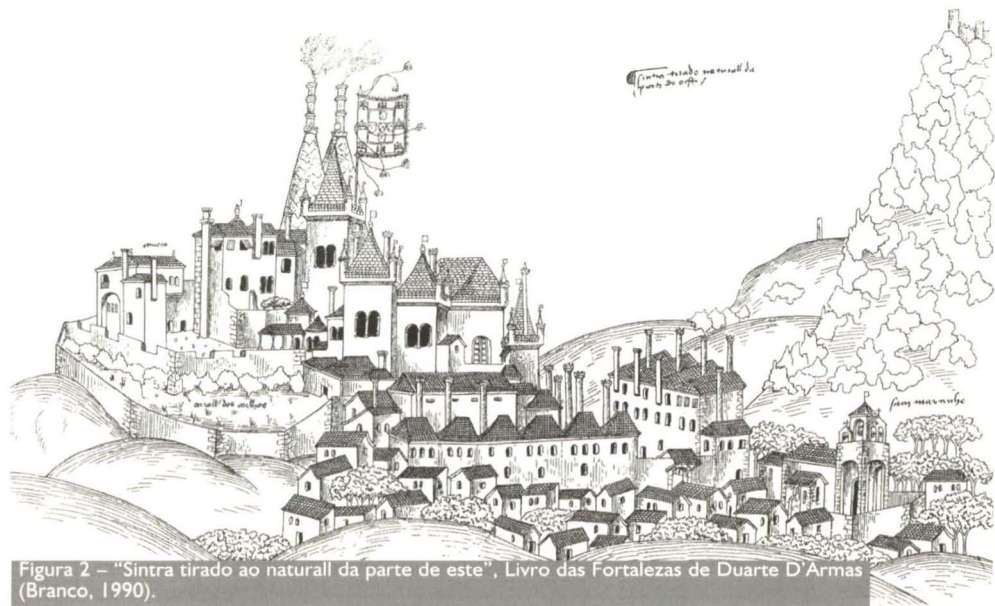


Figura 2 – “Sintra tirado ao natural da parte de este”, Livro das Fortalezas de Duarte D’Armas (Branco, 1990).

a inexistência de construções nesta área do espaço urbano (cfr. Figuras 2, 3 e 4). A confirmação, ou não, deste pressuposto constituiu um dos objectivos da intervenção arqueológica em apreço, uma vez que interessava verificar se havia indícios, ou não, de ocupações anteriores, concretamente medievais, no subsolo da propriedade do antigo Hotel Netto.



Figura 3 – “Vista da Serra” (in Carvalho, 1992, p. 89).

A intervenção arqueológica

A metodologia e estratégia adoptadas na presente intervenção tiveram por objectivo primordial apurar a presença de preexistências estruturais relacionadas com os muros de suporte e o supracitado contraforte, entre outras. Por se tratar de uma intervenção em meio urbano optou-se pela dispersão de cinco sondagens de diagnóstico, de forma a caracterizar as eventuais ocupações registadas nos dois patamares da vertente, não atingidos directamente pela construção do edifício do hotel, mas que futuramente virão a ser afectadas pela reabilitação deste espaço no âmbito do novo projecto imobiliário.

A escavação arqueológica incidiu no exterior do edifício correspondente ao antigo hotel, onde poderiam vir a ser identificadas estruturas e/ou estratos arqueológicos conservados. Os trabalhos realizaram-se, então, na área do logradouro, no átrio exterior da entrada principal e

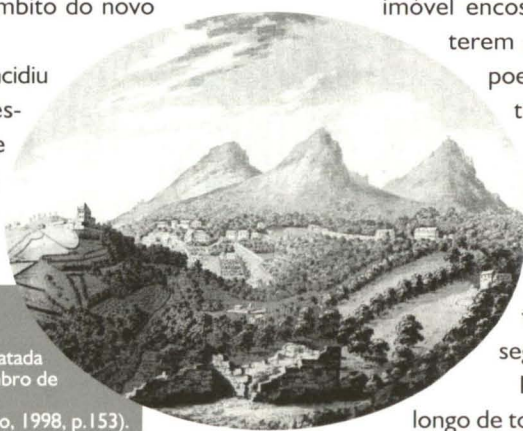


Figura 4 - Vila de Sintra. Gravura datada de Dezembro de 1793 (in Azevedo, 1998, p.153).

num espaço onde em tempos recentes foram edificadas algumas construções de carácter provisório. Os principais objectivos da presente intervenção arqueológica assentaram na: (a) identificação de possíveis vestígios e/ou estruturas arqueológicas conservadas nesta área; (b) caracterização das realidades observadas no terreno; (c) identificação de eventuais vestígios estruturais relacionados com os muros de suporte e o contraforte pétreo preexistente; e (d) eventual preservação e/ou integração das realidades postas a descoberto.

A campanha de trabalhos arqueológicos, levada a cabo por elementos da equipa técnica do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas³ decorreu, tal como previsto, entre 4 de Julho e 25 de Outubro de 2005.

A intervenção iniciou-se no designado sector I, na plataforma superior do logradouro, numa área onde existia um pequeno imóvel já sem estrutura de cobertura. Este edifício encontrava-se directamente encostado ao grande paredão que sustenta quer as instalações Guarda Nacional Republicana, quer a rua que lhe dá acesso. Saliente-se que adossado a este enorme paredão surge o contraforte de pedra aparelhada com cobertura de quatro águas, também executada a partir de elementos pétreos, que desde logo se pensou poder estar relacionado com antigas estruturas pertencentes ao “perímetro urbano” do Palácio da Vila. A opção em iniciar os trabalhos na plataforma superior prendeu-se com o facto do muro que sustenta as terras do patamar mais alto se encontrar já parcialmente derrocado colocando em perigo a intervenção entre o plano mais elevado e a área do pátio propriamente dito.

O sector I corresponde, assim, ao interior do imóvel encostado ao grande paredão, após terem sido demolidas as paredes sul e poente, o que veio a revelar a construção recente das mesmas com o recurso a duas vigas de betão armado associadas a elementos pétreos e tijolos argamassados com cimento. A demolição destas duas paredes permitiu intervir esta área com mais segurança.

No interior deste edifício e ao longo de toda a extensão das paredes norte e nascente encontrava-se construído um poial composto por pedras irregulares ligadas com uma argamassa pobre. A parede norte do designado “imóvel actual”

³ Agradece-se a colaboração dos colegas Pedro Mendes, Patrícia Jordão, Joel Marteleira, João Luís Pedro, Luís Augusto Carvalho e José Mateus.

consiste numa construção pétrea robusta, perpendicular ao grande paredão, que divide a propriedade do Hotel Netto da área da tapada do Paço de Sintra. Aliás, mais tarde, veio a verificar-se a inclusão de elementos arquitectónicos originários da estrutura palatina no aparelho construtivo dessa mesma parede. O seu alicerce apresenta um cariz arcaizante, semelhante ao aparelho da estrutura de contenção de terras identificada no sector 3. Trata-se, certamente, de uma fase mais antiga da separação realizada entre a área palatina e a actual propriedade do hotel.

Para Poente da parede oeste do imóvel em apreço encontrava-se uma outra divisão, pavimentada com cimento, mas parcialmente destruída pela derrocada do muro de sustentação existente entre os dois patamares do logradouro. A sua intervenção foi de imediato inviabilizada, uma vez que era impossível obter um plano estável e seguro que permitisse realizar trabalhos arqueológicos naquela área específica.

Adossados ao supracitado contraforte de pedra aparelhada existiam três tanques de pedra, que poderão ter correspondido a estruturas complementares do funcionamento quotidiano do hotel, nomeadamente para tratamento de roupas. Esta opinião poderia até ser reforçada com a ideia do designado “imóvel actual” ter em tempo funcionado como casa de serviço, arrecadação ou armazém associado à exploração hoteleira. Depois de intervencionada a área interior do imóvel, a escavação do sector 1 foi prolongada para Sul, justamente para a zona de confluência dos tanques com o contraforte e o paredão. Todo este espaço foi intervencionado até à rocha base, tendo ficado implantadas no terreno as estruturas hidráulicas e muros de compartimentos que assentavam directamente sobre o afloramento (cfr. Figura 5).



Figura 5 – Perspectiva geral do final da escavação arqueológica no designado sector 1 (área dos tanques), bem como do alicerce do contraforte sobre a rocha, onde se podem observar as bases das canalizações nºs 6, 10 e 12 (vista de Poente).

O sector 2 corresponde a uma pequena área (3 m²) aberta imediatamente a Sul do contraforte de pedra aparelhada, no interior de uma edificação recente existente na plataforma superior do logradouro do hotel. Procurou-se com esta intervenção averiguar se as fundações do referido contraforte assentavam directamente sobre a rocha de base ou se se sobrepunham a estruturas mais antigas àquele. Tal como no sector 1, verificou-se a ausência de estruturas preexistentes ao contraforte pético, repousando esta estrutura sobre um alicerce débil envolto nas margas e argilas imediatamente acamadas à rocha de base.

Na plataforma inferior do logradouro foram abertas duas áreas de sondagem designadas sector 3 e sector 3(2), este último um prolongamento do primeiro para Sul. A primeira área [sector 3] comporta um total de 16 m² abertos na zona mais setentrional do pátio, no espaço anteriormente abrangido por um barracão. Ao estender-se este sector para a restante área do átrio que se encontrava pavimentada com calçada portuguesa foi intervencionada uma outra sondagem [sector 3(2)] com cerca de 12 m², separada da primeira pelo pequeno murete com degraus que delimitava o sector 3 a Sul. Ambas as áreas foram escavadas até às margas calcárias que compõem o substrato rochoso do local, tendo inclusivamente no sector 3 sido efectuado um corte a meio da sondagem para aprofundar apenas na área oeste, no sentido de aferir a esterilidade da mesma.

Finalmente, o sector 4 corresponde a uma sondagem realizada na entrada do edifício do Hotel Netto, no interior do gradeamento ali existente. Trata-se de uma área com 15 m² aproximadamente, fora do espaço alpendrado deste sector. Aqui os trabalhos revelaram-se bastantes infrutíferos, uma vez que, para além de uma canalização e um troço de estrutura tendencialmente semicircular, nada mais se declarou arqueologicamente relevante. Para mais identificaram-se os vestígios da perfuração de quatro sondagens geológicas que — viemos a confirmar mais tarde — ali tinham sido efectuadas na década de 1980. A zona encontrava-se, deste modo, profundamente alterada condicionando a preservação de eventuais vestígios no local. Todo o sector foi intervencionado até ao afloramento rochoso.

Durante os trabalhos no terreno, observou-se inadvertidamente que no interior do imóvel do antigo Hotel Netto, no piso térreo da parte mais meridional do edifício, fora em tempos aberto um buraco no pavimento tendo sido posto a descoberto imediatamente a

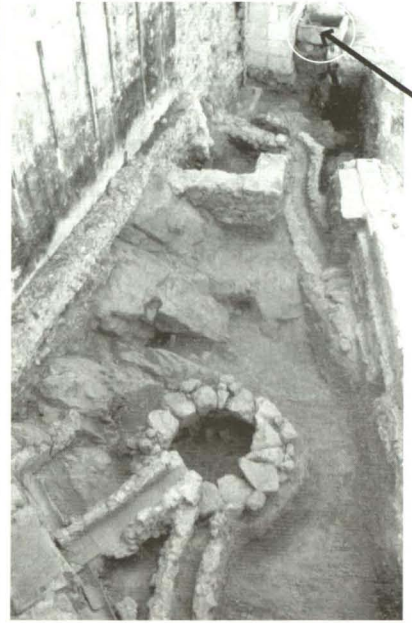
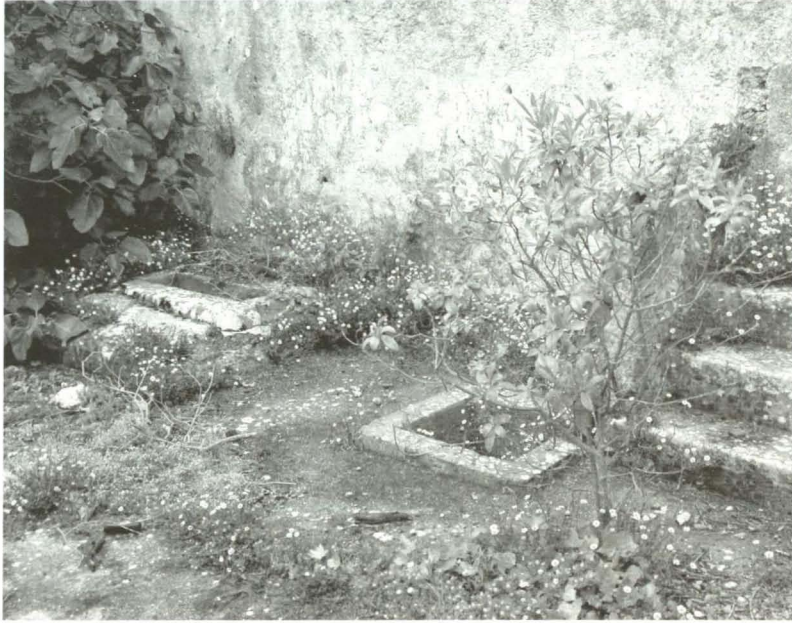


Figura 6 – Aberturas das duas cisternas localizadas numa plataforma justaposta à Rua da GNR e a SE do contraforte pétreo, no interior da propriedade do Hotel Netto.

Figura 7 – Perspectiva geral do final da escavação arqueológica no designado sector I (interior do imóvel actual e área dos tanques), onde se podem observar os vestígios estruturais das canalizações nos 2, 3, 5, 6, 10 e 12, do compartimento I e a base contraforte pétreo no topo da imagem (vista de Norte).

rocha de base. Ao verificar-se esta realidade confirmou-se a ausência de eventuais estratos arqueológicos preservados no subsolo ocupado pelo edifício do hotel, pelo que se optou por não efectuar qualquer escavação no seio do prédio em ruínas, cuja estabilidade não oferecia, para mais, condições que permitissem proceder à sua intervenção com segurança.

Breve descrição e interpretação das estruturas e estratigrafia

Na totalidade foram registadas dezassete canalizações, catorze pavimentos e, aparentemente, quatro compartimentos. Na sua maioria as estruturas descobertas são claramente contemporâneas, incidindo principalmente sobre os séculos XIX e XX.

Do ponto de vista das estruturas hidráulicas, sabemos *a priori* que do Paço se encontravam encanadas águas para o interior do Hotel Netto, eventualmente através de um pequeno aqueduto que se desenvolveria sobre o arco que existe a meio da “Rua da GNR”, ligando o muro do Paço ao muro da propriedade do hotel. Esta hipótese não foi, contudo, explorada. Porém, as canalizações identificadas não revelaram estruturas de captação do exterior, ainda que daí possa provir a água ali transportada. Pensamos que a água canalizada do palácio se destinaria a duas cisternas

identificadas numa plataforma elevada, justaposta à Rua da GNR, a SE do contraforte pétreo (cfr. Figura 6). Verificou-se, entretanto, que todas as condutas apresentam uma pendente para Norte revelando, deste modo, o seu escoamento para fora da propriedade, nessa mesma direcção.

Das dezassete canalizações identificadas, quinze encontravam-se implantadas na totalidade do espaço ocupado pelo sector I (cfr. Figura 7), uma nos sectores 3 e 3(2) e, finalmente, outra no sector 4. Cronologicamente apenas a canalização 16 [sectores 3 e 3(2)] (cfr. Figura 8) parece constituir o registo mais antigo, podendo corresponder ao conjunto de vestígios de Época Moderna identificados no Hotel Netto. As restantes pertencem, sem dúvida, à utilização contemporânea deste espaço.

Relativamente à técnica construtiva destas estruturas hidráulicas podemos individualizar cinco conjuntos distintos. O exemplo cronologicamente mais recente compreende as canalizações nº 1 e nº 17 compostas por manilhas de grés, vidradas a castanho com reflexos metalizados na superfície externa, apresentando ainda remendos de fragmentos de telha e cimento cinzento. O tipo de material utilizado concorda com os registos existentes para a Vila de Sintra, concretamente os que abordam o tema para os inícios do século XX: “Do sítio onde se reúnem as águas destas 21 nascentes (...) é a con-

dução de água feita por manilhas ou telha”. (Sabugosa, 1989-90, p. 246).

As canalizações de chumbo (n^{os} 4 e 13) – simples tubos metálicos envoltos numa espécie de carapaça protectora de argamassa de cal e areia – representam um outro tipo destas estruturas implantadas no sector I e indicia a contemporaneidade dos vestígios, uma vez mais testemunhada pelo documento do Capitão Abreu Victal “(...) e d’ali até ao Paço, por encanamento de chumbo”. (Sabugosa, 1989-90, p. 246).

Porém, na sua maioria as canalizações registadas apresentam caixas pétreas, ligadas por argamassa de cal e areia, e canal de escoamento executado a partir da justaposição de tijoleiras ou de telhas de meia-cana invertidas (canalizações n^{os} 2, 3, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 14 e 15).

Foi, igualmente, registado um outro tipo de conduta elaborado através da justaposição de módulos pétreos (canalização n^o 8). Estes constituíam peças únicas exibindo um canal central que se desenvolvia longitudinalmente. Caracterizam-se, tal como as restantes canalizações do sector I, por corresponderem a vestígios muito recentes da ocupação desta área.

Refira-se, entretanto, que apenas as canalizações n^{os} 7, 8, 9 e 14... se encontravam directamente relacionadas com os três tanques preexistentes na área sul do sector I. Como vimos, no interior do “imóvel actual” existiam três canalizações associadas à instalação sanitária ali instalada, uma conduta claramente vestigial (cano de chumbo – UE [27]) e ainda a canalização n^o 6, intimamente ligada à canalização n^o 12 que recuperava as águas provenientes das condutas n^{os} 10 e 13 da referida

área dos tanques.

Constata-se, pois, que a existência de um tão elevado número de estruturas hidráulicas, ainda por cima concentradas numa área tão restrita, nada parece ter a ver com o supramencionado aproveitamento das águas canalizadas a partir do Paço.

Finalmente, identificou-se um troço de canalização composta por caixa pétreia sem argamassa de ligação e sem canal base de escoamento estruturado (canalização n^o 16, localizada no sector 3). Trata-se de uma estrutura composta por elementos pétreos irregulares, quer na cobertura, quer nas paredes, utilizando esporadicamente uma argamassa muito pobre resultante da ligação do sedimento do local com pequenos fragmentos de rocha de base. Desenvolvia-se no sentido N-S, com origem sensivelmente a meio do sector 3(2), terminando por aposição no alicerce da parede norte do sector 3. Esta estrutura identificada separadamente nos dois espaços do sector 3 correspondia, claro está, à mesma construção.

Tratava-se de uma realidade distinta das outras condutas identificadas nos sectores I e 4, uma vez que não apresentava o mesmo tipo de elementos constru-



Figura 8 – Perspectiva geral da estrutura da canalização n^o 16, no sector 3 (vista de Sul).
Figura 9 – Perspectiva geral da canalização n^o 16, já sem lajes de cobertura. Salienta-se a articulação desta conduta com a parede (UE [147]), na qual se apoia sem ostentar qualquer canal de escoamento (vista de Sul).



tivos, parecendo mesmo aproveitar fragmentos de rocha de base na sua constituição. Ao contrário das restantes canalizações esta parece apresentar-se como um simples canal de drenagem do terreno, terminando directamente no pano do alicerce da parede norte da sondagem do sector 3 sem abertura de escoamento (cfr. Figura 9). O facto de não se encontrar preservado o seu ponto de origem dificulta a interpretação que podemos fazer sobre a funcionalidade desta construção, mas pela análise dos materiais arqueológicos que foram exumados nos estratos limítrofes podemos avançar a hipótese de estarmos na presença de uma estrutura de drenagem do terreno associado ao aproveitamento da zona para fins agrícolas ou, simplesmente, de escoamento de águas pluviais acumuladas numa área de arvoredo corroborando, assim, as ideias anteriormente defendidas.

Outros exemplos de vestígios identificados no decurso dos trabalhos de campo foram os diferentes tipos de pavimentos. Por um lado, registaram-se os pisos de calçada “portuguesa” elaborados com o recurso a paralelepípedos de calcário, em alguns casos brancos e negros (UE's [59], [155] e [162]). Trata-se da derradeira fase de utilização dos pavimentos da entrada principal do Hotel Netto, do pátio interior e da designada “área dos tanques”. Nesta última, a calçada encontrava-se ainda coberta por um piso de cimento cinzento muito forte (UE [58]), realidade que se verificou igualmente no sector 2 (UE [127]) e no compartimento I do sector I (UE [3]).

Relativamente aos pavimentos realizados a partir da compactação de argamassa de cal e areia podemos afirmar que existiram diferentes períodos de execução dos mesmos, tendo sido quase sempre afectados pela implantação das estruturas de canalização acima descritas.

Assim, no sector 4, o piso identificado terá existido numa fase anterior à configuração da actual entrada do imóvel, eventualmente relacionado com o edifício de 1850 representado na planta do Capitão J. A. Abreu Victal.

No que concerne ao sector I, e à sua extensão para a área dos tanques, registaram-se sete pavimentos, também, de argamassa compactada de cal e areia, cuja implantação deverá ter correspondido a diversas fases de ocupação do espaço. Desta forma, pensamos poder afirmar que os vestígios designados pelas UE's [6], [7] e [25] farão parte de uma mesma realidade que terá sofrido alterações após o seu abandono, concretamente pela implantação da canalização I e pela árvore registada no interior do “imóvel actual”, junto ao paredão nascente.

Este chão corresponderia assim a uma fase anterior da ocupação do imóvel, uma vez que se encontrava subjacente ao pavimento da fase de abandono que sendo, também, de argamassa de cal e areia estava associado à soleira da porta na parede poente do edifício em questão. O piso (UE [24]) estaria associado a uma ocupação anterior às atrás referidas, relacionando-se com um outro compartimento que designámos por 4. Na “área dos tanques”, registaram-se dois pisos de argamassa de cal e areia compactada (UE's [76] e [93]) que pela intensa e contínua ocupação e alteração deste espaço específico apenas se descrevem como vestígios.

A articulação das diferentes estruturas e pavimentos identificados permitiu reconhecer, pelo menos, quatro compartimentos todos no sector I. O denominado compartimento I correspondia a uma instalação sanitária, que inicialmente terá funcionado apenas com o recurso a uma fossa, à qual já no século XX foi acoplada uma retrete. A confirmar esta tese, para além dos vestígios estruturais relacionados com tal tipo de instalações, registou-se a presença de uma tubagem vertical, composta por manilhas de cerâmica apostas entre si, implantadas num canto da parede que limitava o compartimento a Norte. Destaque-se que quer na parede norte do “imóvel actual”, quer no próprio paredão se encontravam marcados os vestígios do telhado de uma água que cobria esta dependência. A existência desta instalação sanitária estaria, assim, associada à utilização do designado “imóvel actual” como casa de apoio, arrumação ou casa de serviço da unidade hoteleira, muito embora na planta de 1850, à qual se tem vindo a fazer referência, já se encontre assinalado o muro diagonal que delimitava esta divisão. O compartimento I terá sido desactivado já no século XX, quando são produzidas alterações no “imóvel actual” e ali foi construído um poial a toda a extensão das paredes norte e nascente.

O compartimento 2 constitui uma realidade identificada após a remoção dos vestígios de pavimento registados no interior do “imóvel actual”. Encontrava-se parcialmente destruído pela construção da parede sul do edifício do sector I, o que dificultou sobremaneira a interpretação da sua funcionalidade. A extensão da área do sector I para Sul (“área dos tanques”) colocou a descoberto um troço de estrutura (UE [91]) que poderá estar relacionada com esta divisão, mas cuja confirmação é difícil de firmar pela destruição sofrida com a implantação do “imóvel actual”. Esta divisão terá tido, no entanto, uma ocupação muito rápida, uma vez que os diversos estratos identificados no seu interior

conferem uma realidade de abandono com derrubes e depósitos de terra variados. Os materiais exumados revelam uma ocupação claramente contemporânea deste espaço, compatível inclusivamente com o restante espólio identificado nas demais unidades estratigráficas do sector 1.

A definição do pressuposto compartimento 3 resulta da articulação de várias estruturas. Trata-se efectivamente de um espaço criado no interior do “imóvel actual”, a Norte do compartimento 2, cuja funcionalidade não foi possível apurar, sobretudo pelo facto de ali se encontrar implantada a raiz de uma árvore e o mesmo se prolongar provavelmente para a área afectada pela implantação de duas canalizações. Acresce que a existência no topo norte do muro (UE [21]) de uma espécie de ‘buraco de poste’ reforça a ideia de aqui poder ter existido uma outra divisão – coberta com materiais frágeis, cuja utilização e definição se revelou mais débil do que as anteriores.

O compartimento 4 resulta da intercepção e articulação de várias realidades, revelando-se a sua existência funcional tão ténue como a da divisão 3. De facto, a definição desta hipotética dependência resulta da existência de paredes associadas simultaneamente a um pavimento e a uma estrutura de lareira, o que leva a admitir poder relacionar-se com um outro espaço habitacional. Não foi, ainda, possível determinar o seu natural prolongamento para Poente, interrompido certamente pela implantação da parede oeste do “imóvel actual”, uma vez que a área em causa não oferecia condições de estabilidade para a sua intervenção, encontrando-se inclusivamente perturbada pela colocação de canalizações recentes que afloravam quase à superfície.

Nos restantes sectores da escavação não foram identificados conjuntos de estruturas que permitissem definir mais compartimentos.



Figura 10 – Perspectiva geral do alçado do muro (UE [135]) e respectivo alicerce (UE [147]). Destaca-se a implantação da estrutura de drenagem (UE [149]) na junção dos dois paramentos (vista de Sul).

No decurso do registo arqueológico observaram-se outras realidades que merecem ser destacadas. No sector 3 verificou-se a existência de uma estrutura anterior à grande parede que limita a Norte a propriedade do Hotel Netto. Durante a escavação deste muro (UE [147]) registou-se uma abertura estruturada dentro do próprio aparelho construtivo, composta por uma laje de “cobertura” e outra de base, que proporcionava o escoamento de águas, em direcção a Norte, para o exterior da propriedade (cfr. Figura 10). A relevância destes vestígios prende-se com o facto da parede norte do sector 3 (UE [135]), e respectivo alicerce (UE [147]) construído em pedra solta, funcionarem em conjunto e simultaneamente como uma estrutura de contenção de terras e um sistema de escoamento e drenagem desse mesmo terreno.

Já no sector 4, identificou-se um pequeno troço de muro, definindo uma planta tendencialmente semi-circular, que terminava encaixado na rocha de base e cujo início se desconhece por se encontrar sob o corte norte da respectiva área de sondagem. Julgamos poder tratar-se do testemunho do alicerce de um dos degraus da escadaria que dava acesso a uma das habitações referidas na planta de 1850, ou mesmo a um dos elementos que limitam essa escadaria a Sul.

Um dos objectivos primordiais da intervenção arqueológica foi cabalmente atingido através da caracterização de um conjunto de estruturas arquitectónicas relevante para a compreensão desta área do aglomerado urbano.

O registo pormenorizado do contraforte adossado ao grande paredão, que estrutura o sector 1 a Nascente, constitui indubitavelmente a maior importância da intervenção realizada na propriedade do Hotel Netto.

Já anteriormente referimos esta construção de pedra aparelhada com cobertura, também executada a partir de elementos pétreos, que pensamos poder estar relacionada com antigas estruturas pertencentes ao perímetro urbano do Palácio da Vila. O contraforte é formado por 23 fiadas de blocos pétreos paralelepípedicos colocados nos cantos do mesmo a reforçar os cunhais, sendo o interior da estrutura colmatada com blocos de pedra irregulares envoltos em argamassa de cal e areia, com alguns desengordurantes cerâmicos (cfr. Figura 11). Curiosamente o seu alicerce (apenas com 0,46 m de altura) era constituído unicamente por uma fiada do mesmo tipo de blocos paralelepípedicos utilizados na sua construção, assentes sobre um embasamento muito frágil de pedras de pequena e média

dimensão envoltas em argila e argamassa pobre que, por sua vez, se firmava directamente sobre a rocha de base.

Como a designada “área dos tanques” a Sul do sector I se encontrava muito perturbada pela implantação dos reservatórios e canalizações associadas, não foi possível identificar materiais arqueológicos relacionáveis que nos permitissem, com base nestes elementos, avançar com uma proposta de datação para a edificação deste contraforte. Porém, o levantamento gráfico e fotográfico do seu aparelho construtivo (cfr. Figura 11) possibilitou a identificação, nas faces norte e poente, de algumas marcas de canteiro que se encontram arroladas nas listas deste mesmo tipo de siglas identificadas nas diferentes alas do Paço de Sintra (Silva, 1868, Est. XXXIII, XL, XLI; XLIII; Sabugosa, 1989-90, p. 209-212).

Quando no final do século XIX Possidónio da Silva publicou “le résultat de nos recherches sur l’interpretation qu’on peut donner aux différents signes, avec lesquelles les ouvriers tailleurs-de-pierre ont marqué les pierres des édifices, qui on été bâtis en Portugal pendant le moyen-âge, et qui existent, non seulement

sur les monuments religieux, mais aussi sur les civils” (Silva, 1868, p. 3) tinha perfeita consciência da importância de uma listagem deste tipo para o estudo e caracterização dos edifícios históricos nacionais. De facto, ainda hoje recorremos às estampas dos sinais de canteiro por ele recolhidos, que constituem um instrumento fundamental para o trabalho que aqui apresentamos. Os sinais exibidos em alguns dos blocos que sustentam o contraforte pétreo, identificado no logradouro do Hotel Netto, revelam indubitavelmente a sua pertença ao universo das construções do Palácio da Vila, concretamente no que concerne às edificações manuelinas. Se tivermos em conta, por outro lado, as siglas levantadas por Possidónio no claustro do antigo convento hieronimita da Pena, observamos igualmente uma similaridade entre estas e as que o contraforte ostenta. Poderíamos ver aqui uma hipotética confirmação da utilização de matéria-prima fornecida pelos obreiros do mosteiro da Pena, na mesma época, visto existirem referências que, durante a campanha de obras levada a cabo no reinado de D. Manuel I, foram realizadas grandes intervenções na área do “curral dos

coelhos” com incidência na remoção de penedos graníticos e construção de novas estruturas: «(...) algumas das obras mandadas fazer por D. Manuel I e que consistiram, curiosamente, no quebrar de rochedos na zona do curral dos coelhos e da estrebaria. Neste último período de 1507 a 1510, a empreitada mais consistente diz respeito à estrebaria de Meca, que foi alargada e renovada, assenhorando-se do lugar onde antes existia um forno de tijolo, trabalhos que obrigaram também a “quebrar os penedos que estavam dentro”. Os outros espaços exteriores objecto de intervenção foram a cerca dos coelhos (ou curral dos coelhos, segundo a indicação de Duarte D’Armas), abrindo-se-lhe um portal para permitir o acesso a partir do paço e renovando-se a cerca murada com pedra proveniente da pedreira de São Pedro e também retirada do próprio curral, sendo esse espaço em seguida cheio de terra. (...) o próprio Boitac se encontrava em Sintra, em 1507,

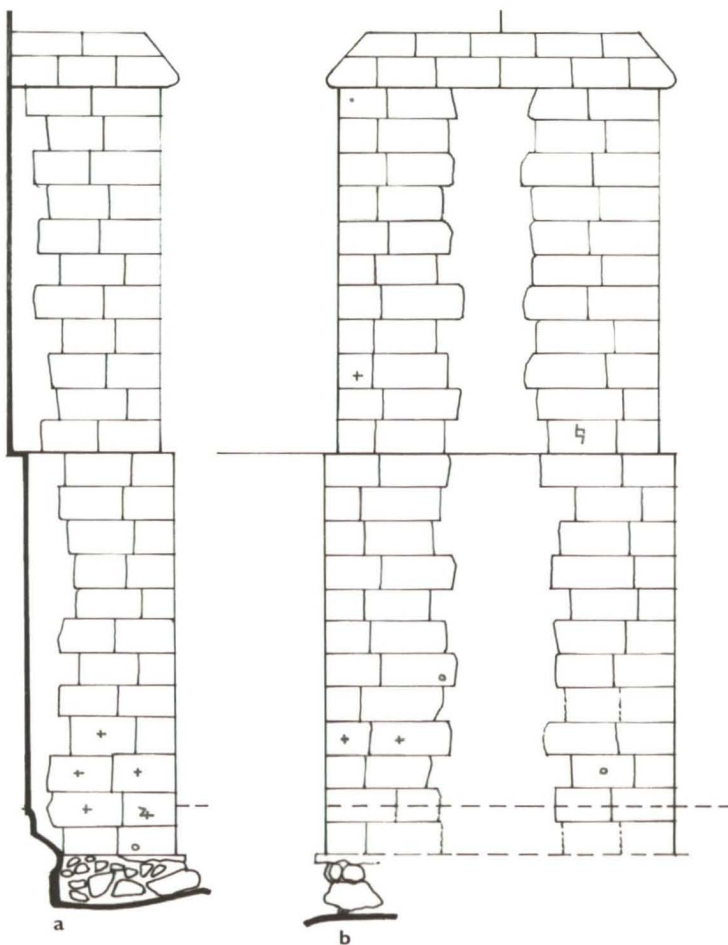


Figura 11 – Desenho esquemático do aparelho do contraforte pétreo e respectivo alicerce, ostentando as marcas de canteiro identificadas (a - vista de Norte; b - vista de Leste)

a dirigir as obras do Mosteiro da Pena, tendo inclusive fornecido cantaria avulsa para o cerco dos coelhos e a casa da Fazenda do paço.» (Silva, 2002, p. 203, 218-220).

Defendemos, por isso, que a estrutura identificada na propriedade do Hotel Netto se encontra intimamente relacionada com as várias campanhas de obras levadas a cabo no perímetro urbano do Palácio de Sintra, durante a Época Moderna.

Observando, novamente, os desenhos de Duarte D'Armas, concretamente a vista de Poente, surpreende-nos a presença de um contraforte isolado no

recinto designado por "curral dos coelhos". Na Planta do Real Palácio de Sintra, levantada por J. A. Abreu Vital em 1902, a "cerca dos coelhos" é identificada com os denominados "Horta do Cipriano" e "Jardim Novo", sensivelmente a SE do "Jardim de Lindaraya" (cfr. Figura 12). Muito embora a propriedade do Hotel Netto se localize mais para Poente desta zona do Paço, mas em continuidade com a mesma, pensamos não ser de desprezar a relação de uma com a outra.

Não pretendemos provar que a estrutura contrafortada representada por Duarte D'Armas, em

Figura 12 – Planta do Real Palácio de Cintra, levantada em 1902 (in Sabugosa, 1989-90, p. 146-147).

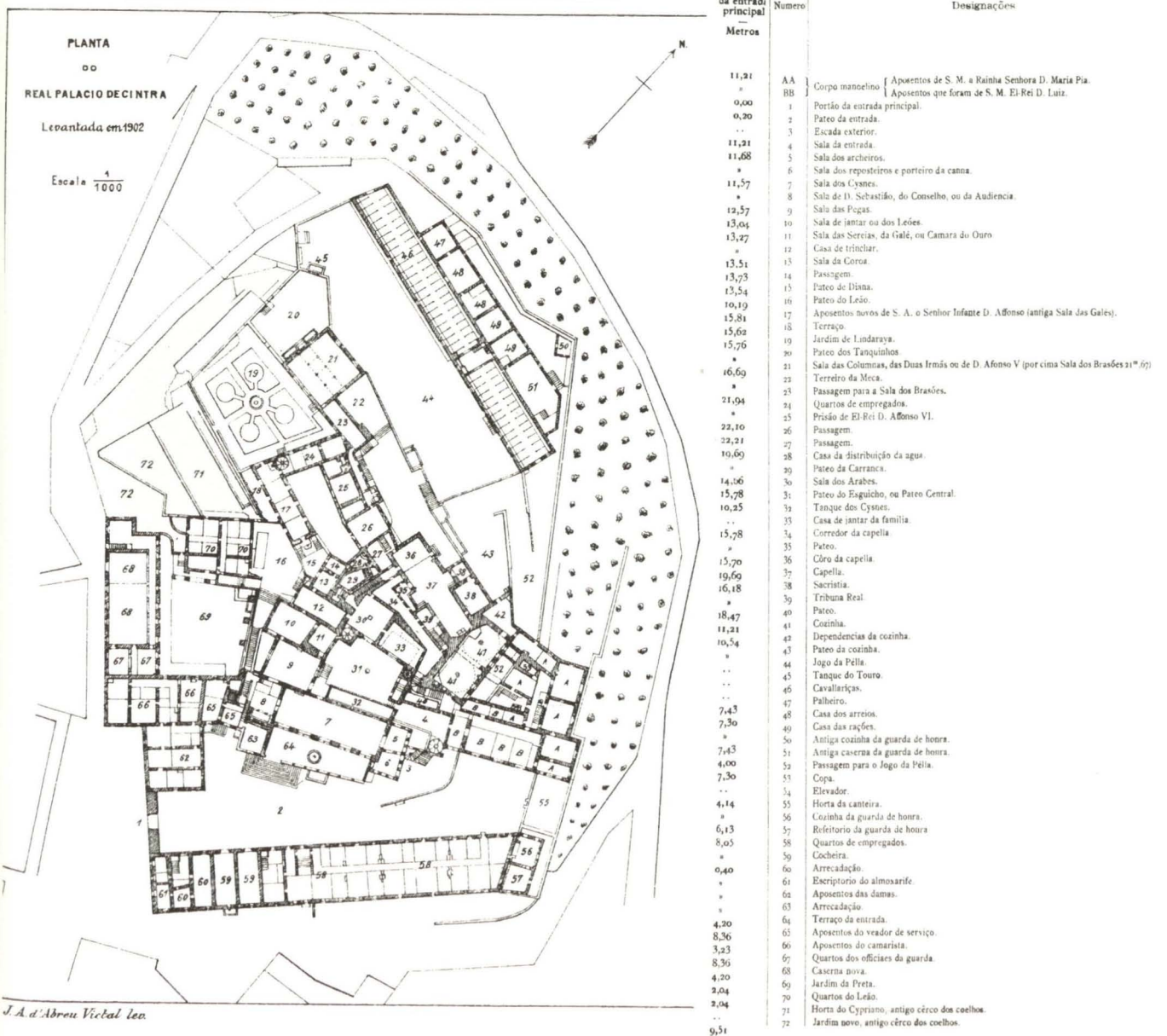




Figura 13 – Fragmento de azulejo de corda seca com decoração geométrica (HNT(01)(0)40).



Figura 14 – Fragmentos de azulejos de corda seca com decoração figurativa – esfera armilar; produção portuguesa de transição para o século XVI (HNT(01)[0]41 a 44).

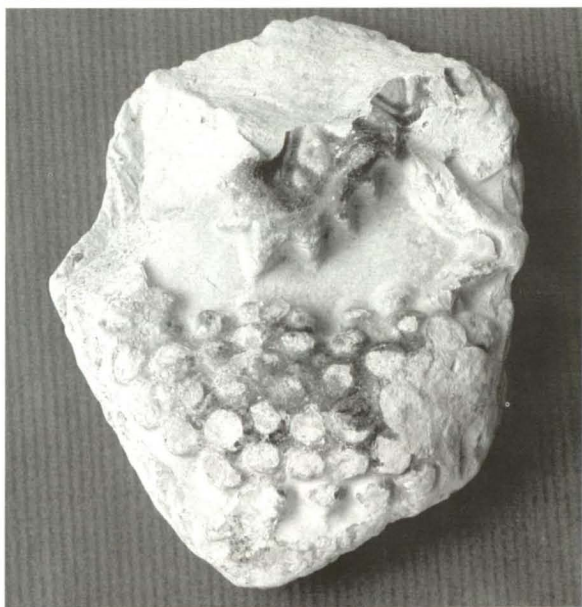


Figura 15 – Fragmento de azulejo relevado com decoração figurativa – “azulejo de Parra, Gavinha e Cacho de Uvas” ou “azulejo de Stella Maris” (HNT(01)[158]46).

1509, seja o contraforte agora em estudo, mas tão só equacionar um conjunto de elementos que contribuam para a melhor interpretação desta realidade, apontando uma datação em torno do século XVI para a sua edificação, tendo em conta quer parâmetros estruturais/constitutivos, quer iconográficos.

Espólio exumado

O conjunto artefactual recolhido no decorrer desta intervenção arqueológica agrupa-se, no que respeita à morfologia e tipologia, em sete grupos distintos, concretamente cerâmica, metal, vidro, material lítico, elementos arquitectónicos pétreos, osso polido e restos faunísticos. O espólio exumado traduz, também, as diferentes fases de deposição destes mesmos vestígios arqueológicos na área da propriedade do hotel.



Figura 16 – Fragmentos de elementos de cerâmica de revestimento composto não vidrados e de construção.



Figura 17 – Fragmento de cerâmica dourada de Paterna, produção do século XVI.

Cerâmica

O grupo dos materiais cerâmicos constitui claramente o maior volume de todo o espólio exumado nesta escavação arqueológica. É igualmente através deste conjunto, pelas suas características tipológicas e morfológicas, que se podem estabelecer limites cronológicos para os diversos contextos estratigráficos registados no Hotel Netto. Há ainda a assinalar a reunião dos materiais cerâmicos em dois significativos conjuntos, concretamente a designada cerâmica de revestimento — onde incluímos os forros parietais, de pavimentos e de cobertura —, e os recipientes de utilização quotidiana, quer de uso comum, quer de mesa.

Cerâmica de revestimento

Praticamente na totalidade, os fragmentos azulejares recolhidos na intervenção arqueológica do Hotel Netto correspondem a exemplares originários das diferentes alas do Palácio da Vila de Sintra. Filiam-se em diferentes tipos de fabrico, desde a corda seca — exibindo decoração geométrica, floral e simbólica (esfera armilar) — às produções relevadas com motivos vegetalistas do tipo “azulejo de parra, gavinha e cacho de uvas” ou “azulejo *Stella Maris*” (Trindade, 2000, p. 234), passando pelas simples placas cerâmicas vidradas pertencentes a revestimentos compósitos (cfr. Figuras 13, 14, 15 e 16). O conjunto recolhido exhibe, pois, características tipológicas e morfológicas das produções portuguesas da segunda metade do século XV e transição para o século XVI utilizadas na decoração do Paço de Sintra (Trindade, 2000). Todos os vestígios foram exumados nas duas áreas escavadas do sector 3, nos contextos de entulhamento da vertente, associados maioritariamente aos ambientes dos séculos XVI e XVII. Relacionam-se, deste modo, forçosamente com as diversas campanhas de obras levadas a cabo na estrutura palatina ou, mesmo, com a destruição provocada pelo Terramoto de 1755 que como é sabido causou largos danos no conjunto edificado.

Cerâmica utilitária

Se nos sectores 1, 2 e 4 os fragmentos cerâmicos apontam para ambientes nitidamente contemporâneos, próprios dos séculos XIX e XX, já nas duas áreas do sector 3 foi possível individualizar conjuntos balizados entre os séculos XVI-XVIII, bem como integráveis em períodos pré-medievais, nomeadamente pré-históricos.

Do ponto de vista de uma análise macroscópica dos fragmentos cerâmicos registados, procedeu-se à sua breve caracterização, preconizando uma aproximação

mação crono-tipológica dos mesmos. Desenvolveu-se esta acção para os materiais dos sectores 2, 3 e 4, tendo-se excluído a totalidade do sector 1, uma vez que o volume dos fragmentos recolhidos, as particularidades realmente recentes que ostentavam, bem como os contextos de evidente revolvimento dos quais provinham não contribuiriam sobremaneira para a caracterização do sítio.

Relativamente às características específicas dos fragmentos cerâmicos recuperados, regista-se a sua evidente ligação a contextos de época moderna estudados para diferentes centros urbanos do actual território português como Palmela (Fernandes e Carvalho, 1998, p. 211-255), Lisboa (Sardinha, 1990-92, p. 487-512), Porto (Barreira *et al.*, 1998, p. 305-423; Osório e Silva, 1998, p. 283-314), Funchal (Gomes e Gomes, 1998, p. 315-348), entre outros.

Mais concretamente para Sintra, encontrava-se disponível o estudo dos materiais arqueológicos exumados nos silos medievais do Palácio Nacional de Sintra (Amaro, 1992, p. 114-123) que contribuiu para uma primeira abordagem do espólio exumado agora no Hotel Netto, tanto pela proximidade espacial como cronológica. Por outro lado, o conhecimento da realidade dos contextos arqueológicos escavados até ao momento no subsolo da Vila de Sintra (Ribeiro, 1987), proporcionou evidenciar a filiação dos fragmentos cerâmicos recolhidos nesta campanha no conjunto de peças depositado na reserva no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas.

Assim, para além dos recipientes de uso quotidiano, de cozinha e armazenamento, foram identificados alguns fragmentos de peças cerâmicas denominadas de mesa, como sejam as produções mais finas de cerâmica barroca modelada, de cerâmica “pedrada”, de faianças, entre diversos espécimes de vidrados policromos e cerâmicas esmaltadas.

A análise mais detalhada dos fragmentos recolhidos permitiu, ainda, individualizar a proveniência de alguns exemplares, nomeadamente no caso das cerâmicas de importação, como são o exemplo dos fragmentos de porcelana e um fragmento de louça dourada de uma produção valenciana de Paterna, datável do século XVI (cfr. Figura 17). Devemos salientar que o uso de produções levantinas não seria extraordinário na época, quer pela aquisição dos próprios recipientes, quer pela importação da técnica manufactureira. Exemplo disso será a peça azulejar « (...) *conservada num banco de alvenaria do Pátio do Leão* (que) *sugere influências de pro-*



Figura 18 – Ceitil de D. Afonso V (HNT(01)[141]19).



Figura 19 – XX réis de D. Carlos I, cunhagem de 1892 (HNT(01)[165]23).



Figura 20 – 1 Cêntimo de dólar dos EUA, cunhagem de 1964 (HNT(01)[82]12).

dução valenciana. (...) Porém a presença da pasta vermelha acastanhada não parece permitir a sua atribuição levantina, indicando tratar-se de produção concorrencial de proveniência nacional, talvez relacionada com importação de mão-de-obra do Levante em Lisboa e arredores» (Trindade, 2000, p. 244-245).

Merece especial destaque a identificação de três fragmentos de parede de ânfora, que suscitaram dúvidas



Figura 21 – Fivela de cobre, eventualmente relacionada com as correias de espadas das indumentárias dos séculos XVI/XVII (HNT(01)[140]16).

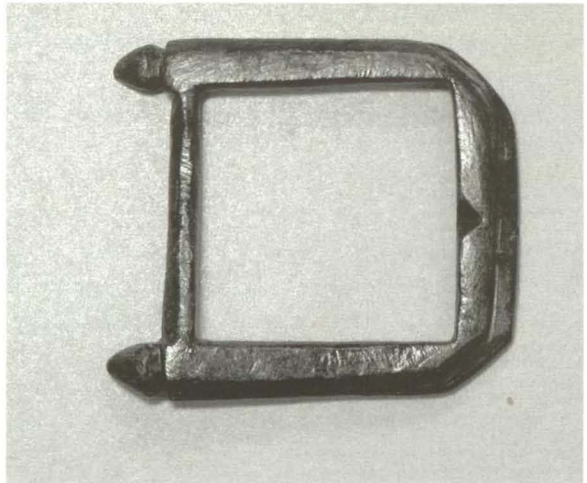


Figura 22 – Fivela em cobre (HNT(01)[55]47).



Figura 23 – Fuso em cobre, apresentando estrias incisadas junto à extremidade distal (HNT(01)[158]21).

quanto à sua classificação cronológica. Se por um lado parecem tratar-se de produções romanas, uma delas semelhante aos fabricos da província da Bética (Classe 25 de Peacock/Dressel 20), o facto de não possuírem quaisquer características tipológicas (bordo, fundo ou

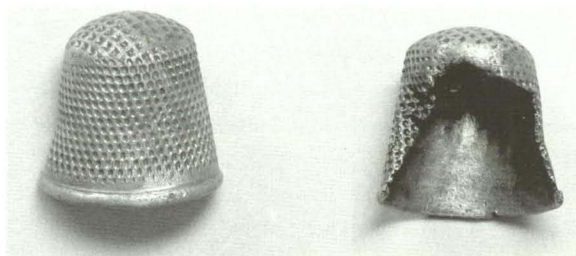


Figura 24 – Dedalha produzida a partir de uma liga de cobre e prata (HNT(01)[33]7).



Figura 25 – medalha rectangular, com perfuração no topo, de invocação a São Venâncio mártir e santa Brígida (HNT(01)[165]22).

asa) que os individualizem, associados à inexistência de outros materiais coevos relacionados, conduz-nos com alguma facilidade ao afastamento desta hipótese. Por outro lado, atendendo à existência de um tipo de contentores — as denominadas anforetas — que também se registam em contextos do século XVI, e que segundo as descrições morfológicas disponíveis (Gomes e Gomes, 1998, p. 323-327; Alves *et al.*, 1998, p. 200) se assemelham bastante aos fragmentos agora recolhidos, julgamos ser mais prudente classificá-los como sendo produções modernas e não novas evidências de vestígios romanos provenientes do subsolo da Vila de Sintra, realidade essa já realmente atestada desde a década de 1980 noutras intervenções arqueológicas ali realizadas (Ribeiro, 1987; AAVV, 1998, p. 253-254).

Finalmente, foi identificado um conjunto de fragmentos de pasta grosseira de cariz manual que poderão indiciar a existência de contextos pré-históricos neste local, concretamente um fragmento de bordo espessado exteriormente, correspondendo a um recipiente aberto. Também nas intervenções anteriormente efectuadas na área urbana da Vila de Sintra havia sido já identificado um conjunto de materiais arqueológicos que atestavam a presença de grupos humanos nesta

área durante a Pré-história recente (Ribeiro, 1987; Amaro, 1992, p. 114-223). No entanto, alguns dos fragmentos cerâmicos agora exumados — uma malga de pé anelar, um alguidar engobado e um recipiente com bico vertedor entre outros indefinidos — parecem corresponder a produções elaboradas com o auxílio de um torno lento, o que envolveria, por seu turno, o aparecimento de vestígios materiais atribuíveis então a um período da Antiguidade tardia.

Vidros

Registaram-se abundantes fragmentos vítreos, constituindo um expressivo testemunho do quotidiano dos séculos XVIII/XIX e XX. Resultam na totalidade do sector I e na sua maioria de contextos de abandono e remobilização, concretamente dos que se encontram associados às canalizações. A excepção é apenas registada num fragmento de parede recolhido no sector 3 e que apresenta características relacionadas com ambientes de Época Moderna.

Metal

A série do espólio metálico divide-se em três categorias distintas. Por um lado, o conjunto de três numismas (um ceitel de D. Afonso V, 20 Reis de D. Carlos, cunhados em 1892, e 1 cêntimo de Dólar, de 1964 (cfr. Figuras 18, 19 e 20) recolhidos em estratos de contextos claramente heterogéneos quer a nível da sua formação, quer cronologicamente. Por outro, os artefactos metálicos associados às actividades quotidianas e à construção de imóveis (fivelas, botões, uma chave, lâminas de facas, agulhas, um fuso e um dedal (cfr. Figuras 21, 22, 23 e 24). Acresce ainda o registo de duas peças relacionadas com elementos devocionais exumadas em depósitos de manifesta remobilização: terço ou rosário com elementos de liga de cobre, contas de vidro verde e uma cruz de latão exibindo Jesus Cristo no verso e Santo António no anverso; uma medalha dedicada a São Venâncio e Santa Brígida (cfr. Figura 25).

Para além do conjunto material acima discriminado, importa referir a recolha de 77 pregos de ferro, de diversa tipologia e dimensão, entre outros artefactos como chapas e elementos metálicos de difícil interpretação. Todos eles foram recolhidos maioritariamente nos contextos heterogéneos do sector I.

Líticos

Relativamente aos materiais líticos, podemos afirmar a quase total ausência de registo dos mesmos, à

excepção de um artefacto de pedra polida afeiçãoada, eventualmente uma cunha, de grés, com a extremidade distal ligeiramente biselada. Não foi ainda possível atribuir-lhe qualquer enquadramento cronológico, apenas se pode afirmar ter sido recolhido numa unidade estratigráfica cujos materiais arqueológicos pertencem à fase mais antiga reconhecida no Hotel Netto, isto é séculos XVI-XVII, na qual também se registaram cerâmicas manuais de cariz pré-histórico. Recolheu-se, igualmente neste estrato, um seixo rolado fragmentado com vestígios de percussão.

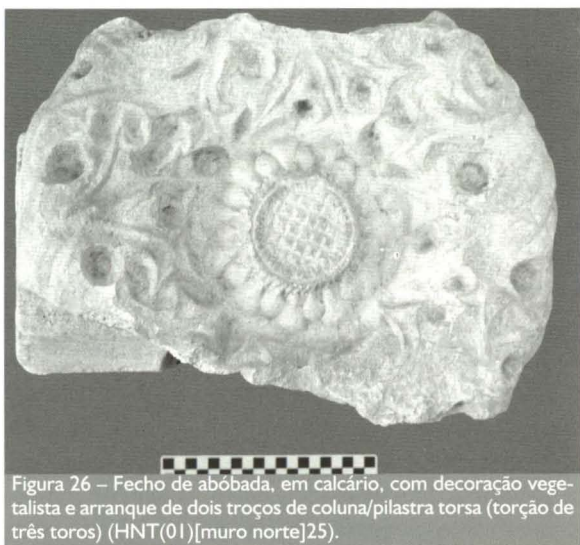


Figura 26 – Fecho de abóbada, em calcário, com decoração vegetalista e arranque de dois troços de coluna/pilastra torsa (torção de três toros) (HNT(01)[muro norte]25).



Figura 27 – Porta e sigla de canteiro da porta nascente da “Sala Manuelina” do Paço de Sintra (in Silva, 2002, p. 236).

Elementos arquitectónicos

Durante a intervenção efectuada na propriedade do Hotel Netto foram registados diversos elementos pétreos pertencentes a antigas construções quer da própria unidade hoteleira, quer originários do Paço de Sintra. Destaque para o fecho de abóbada manuelina (cfr. Figuras 26 e 27) — claramente pertencente ao universo decorativo do Paço de Sintra, com paralelos nas cantarias da porta nascente da “Sala Manuelina” —, diversos fustes de colunas e pilastras torsas (cfr. Figuras 28), bem como uma placa moldurada com representação facial de figura antropomórfica em alto-relevo (cfr. Figura 29). Atestou-se, uma vez mais, a estreita ligação entre estes dois espaços, reforçando a ideia da existência de uma área desprovida de habitações onde ao longo do tempo se acumularam — estratigraficamente ou pelo seu reaproveitamento como material de construção dos muros (cfr. Figura 30) — os entulhos produzidos pelas várias campanhas de obras levadas a cabo na estrutura palatina.

Osso polido

Durante os trabalhos apenas se recolheram cinco artefactos produzidos em osso, associados unicamente aos sectores 1 e 3(2). Constituem testemunhos residuais das actividades relacionadas com o quotidiano, provenientes sobretudo de estratos de abandono e entulhamento. De entre eles, saliente-se um dado, uma conta de terço/rosário e uma placa com incisões, provavelmente de uma caixa (cfr. Figuras 31 e 32).

Restos faunísticos

A recolha de fauna mamalógica e malacológica verificou-se maioritariamente no designado sector 1. Com efeito, registou-se a ausência de material osteológico quer no sector 2, quer no sector 4, sendo também residual nas duas áreas do sector 3.

A identificação de abundantes restos faunísticos nos estratos revolvidos do sector 1 prende-se com o facto de toda esta área ter sido perturbada pela perfuração de tocas de pequenos

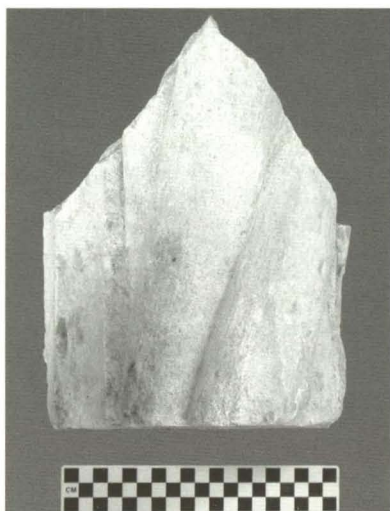


Figura 28 – Fragmento de pilastra, em calcário, apresentando a mesma torção de três toros (HNT(01)[0]26).



Figura 29 – Placa moldurada com uma representação facial de uma figura antropomórfica (máscara) que apresenta uma perfuração central, na boca, para escoamento de água. Eventual pedra de fontanário (HNT(01)[75]29).

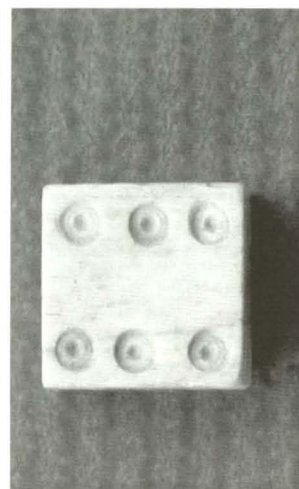


Figura 31 – Dado de jogar em osso (HNT(01)[156]5).



Figura 30 – Fecho de abóbada manuelina reaproveitado como elemento de construção na parede norte do sector I.



Figura 32 – Conta de osso tendencialmente cilíndrica com perfuração central, pertencente a um terço/rosário (HNT(01)[156]4).

uma vértebra de peixe. Estes vestígios constituem, porém, uma amostra claramente residual.

Sinopse dos resultados obtidos

Os resultados da intervenção arqueológica vieram realçar sobremaneira a importância do espaço ocupado pela propriedade do Hotel Netto no contexto do perímetro urbano da estrutura palatina da Vila de Sintra, permitindo estabelecer dois campos de abordagem no que diz respeito aos vestígios identificados.

Por um lado, o registo do quotidiano dos séculos XIX e XX, contemporâneos dos edifícios oitocentistas eventualmente subjacentes ao conjunto de imóveis do Hotel Netto e, conseqüentemente, a ocupação da própria unidade hoteleira. A esta realidade encontra-se associado uma série de estruturas hidráulicas e pequenos

roedores que ali acumularam toda a espécie de detritos quer biológicos, quer artificiais. Salvo este registo claramente intrusivo, foi possível identificar um conjunto de ossos longos, costelas, ossos “planos” e falanges pertencente a grandes mamíferos, relacionáveis com os estratos de abandono do sector I. Por outro lado, registou-se a presença de restos de fauna malacológica atribuíveis a *Ostrea* (ostra), *Patella* (lapa), *Cerastoderma edule* (berbigão), *Mytilus edulis* (mexilhão) para além de

compartimentos (de funcionalidade indeterminada), cuja utilização se revelou muito curta e cronologicamente muito rápida. Aliás, a grande complexidade das várias canalizações identificadas traduz, justamente, a desactivação de umas estruturas em proveito de outras num curtíssimo espaço de tempo.

Por outro lado, a inexistência de estruturas soterradas pertencentes a uma época anterior ao século XIX, associada à identificação de contextos de deposição de entulhos cujos materiais se encontram balizados entre os séculos XVI-XVIII, permite afirmar que esta área da Vila de Sintra terá permanecido, provavelmente, como um espaço de tapada até pelo menos ao século XIX.

Os estratos que conferiram materiais de época moderna correspondem, certamente, à acumulação de desperdícios resultantes das várias campanhas de obras do Paço de Sintra — destaque-se neste sentido os diversos elementos arquitectónicos e fragmentos de azulejos exumados — ou mesmo relacionados com o Terramoto de 1755, uma vez que não se identificaram (nomeadamente nas áreas da sondagem 3 que corresponde estratigraficamente aos momentos mais antigos) quaisquer materiais arqueológicos que pudessem corresponder a fases posteriores ao cataclismo.

Finalmente, os ténues vestígios materiais que apontam para ocupações anteriores à época medieval confirmam, apenas e uma vez mais, a presença de grupos humanos durante a Pré-história recente na área da Vila de Sintra, facto já conhecido desde a década de 80 do século XX.

A especial relevância da intervenção efectuada na propriedade do Hotel Netto consistiu na caracterização do contraforte de pedra aparelhada, previamente identificado, como fazendo parte integrante das estruturas do perímetro urbano do Palácio de Sintra, tendo sido possível, inclusivamente, quer com o auxílio de fontes escritas, quer pela análise do tipo de aparelho pétreo, quer ainda pelas marcas de canteiro que exhibe, aferir que o mesmo terá sido edificado em torno do século XVI.

Resta-nos, pois, concluir que se torna imprescindível a sua preservação e recuperação, uma vez que esta estrutura se apresenta instável e a necessitar de uma intervenção célere de conservação e restauro. Defendemos, por isso e em sede própria, a salutar adaptação do novo projecto arquitectónico à realidade em causa, de modo a garantir a sua expressividade e monumentalidade.

Bibliografia

- AA.VV. (1998) — *Sintra. Património da Humanidade*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra.
- ALVES, Francisco S. J., RODRIGUES, Paulo J. P., GARCIA, Catarina e ALELUJA, Miguel (1998) — “A cerâmica dos destroços do navio dos meados do século XV da Ria de Aveiro A e da Ria de Aveiro B. Aproximação tipológica preliminar. *Actas das 2as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Porto: Câmara Municipal de Tondela, p. 185-210.
- AMARO, Clementino (1992) — “Silos Medievais no Palácio Nacional de Sintra”. *Arqueologia Medieval*. Porto, 1, p. 111-123.
- AZEVEDO, José Alfredo da Costa Azevedo (1997) — “A Vila Velha (Ronda pelo Passado)”, *Obras de José Alfredo da Costa Azevedo*, vol. 1. Sintra: Câmara Municipal de Sintra, p. 15-120.
- AZEVEDO, José Alfredo da Costa Azevedo (1998) — “Jornais e Memórias do Tempo (1836-1945)”, *Obras de José Alfredo da Costa Azevedo*, vol. 5. Sintra: Câmara Municipal de Sintra, p. 305-423.
- BARREIRA, Paula, DÓRDIO, Paulo e TEIXEIRA, Ricardo (1998) — “200 Anos de cerâmica na Casa do Infante: do século XVI a meados do século XVIII”. *Actas das 2as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Porto: Câmara Municipal de Tondela, p. 145-184.
- BRANCO, Manuel da Silva Castelo (int.), (1990) — *O Livro das Fortalezas de Duarte D'Armas*. Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo/Edições Inapa.
- CARVALHO, Sérgio Luís de (1992) — *História de Sintra*. Sintra: Sintra Editora/Veredas – Cooperativa Cultural de Sintra.
- COSTA, Francisco (1980) — *O Paço Real de Sintra. Novos subsídios para a sua história*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra.
- FERNANDES, Isabel Cristina F. e CARVALHO, A. Rafael (1998) — “Conjuntos cerâmicos Pós-Medievais de Palmela”. *Actas das 2as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Porto: Câmara Municipal de Tondela, p. 211-255.
- FERREIRA, Manuela Almeida (2005) — “O uso de vidraria em Sellium e em Tomar: as descobertas arqueológicas recentes em relação com a História do Vidro”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 8 (1), p. 387-431.
- GOMES, Mário Varela e GOMES, Rosa Varela (1998) — “Cerâmicas, dos séculos XV a XVII, da Praça Cristóvão Colombo no Funchal”. *Actas das 2as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Porto: Câmara Municipal de Tondela, p. 315-348.
- OSÓRIO, Maria Isabel N. A. Pinto e SILVA, António Manuel S. P. (1998) — “Cerâmicas vidradas da época moderna no Porto”. *Actas das 2as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Porto: Câmara Municipal de Tondela, p. 283-314.
- RIBEIRO, José Cardim (1987) — “Vestígios arqueológicos pré-medievais na área urbana da Vila de Sintra”. *Jornal de Sintra*, nº 2721 a 2724 (20/2 a 13/3).
- SABUGOSA, Conde de (1989-90) — *O Paço de Sintra*. Reimpressão anastática da edição original. Sintra: Câmara Municipal de Sintra/Gabinete de Estudos Históricos e Documentais.
- SARDINHA, Olinda (1990-92) — “Olarias pedradas portuguesas contribuição para o seu estudo. I. Os objectos provenientes do Convento de Santa Ana e do Hospital de Todos os Santos”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa, série IV, 8/10, p. 487-512.
- SARDINHA, Olinda (1999) — “Notícia sobre as peças pedradas do galeão «San Diego» (1600)”. *Arqueologia Medieval*. Porto, 6, p. 183-192.
- SILVA, Joaquim Possidónio da (1868) — *Mémoire d'archéologie sur la véritable signification des Signes qu'on voit gravés sur les anciens monuments du Portugal*. Lisbonne: Imprimerie Nationale.
- SILVA, José Custódio Vieira da (2001) — *O Palácio Nacional de Sintra*. Lisboa: IPPAR.
- SILVA, José Custódio Vieira da (2002) — *Paços Medievais Portugueses*. Lisboa: IPPAR.
- SIMÕES, J. M. dos Santos (1990) — *Azulejaria em Portugal nos séculos XV e XVI*. Introdução geral. 2ª ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- TRINDADE, Rui A. A. (2000) — *Revestimentos cerâmicos portugueses. Meados do século XIV à primeira metade do século XVI*. Texto policopiado (Tese de Mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa).



Associação dos Arqueólogos Portugueses

